

THE PILLOWMAN

Martin McDonagh

Duração 1h50m

O único dever de um contador de histórias

Martin McDonagh é um dos mais proeminentes dramaturgos contemporâneos, conhecido por explorar as zonas sombrias da experiência humana com uma peculiar combinação de violência, absurdo e beleza. Nascido em Londres, em 1970, filho de pais irlandeses, McDonagh construiu uma carreira notável tanto no teatro como no cinema, com obras como “Os Espíritos de Inisherin”, “In Bruges” e “Três Cartazes à Beira da Estrada”. No teatro, peças como “The Beauty Queen of Leenane” e “The Lieutenant of Inishmore” desafiam convenções e mergulham o público em dilemas morais profundos. Contudo, em “The Pillowman” (2003), o autor eleva estas questões a um patamar metateatral, confrontando-nos com o papel da literatura face à censura, à dor e à liberdade criativa.

Na peça, Katurian, escritor de contos macabros que envolvem a morte de crianças, é interrogado pela polícia de um estado totalitário, após uma série de assassinatos que imitam as suas histórias. Os inspetores Tupolski e Ariel, que também detêm o seu perturbado irmão Michal, conduzem um interrogatório dominado pela violência e pela obsessão em compreender o significado das narrativas de Katurian. Confrontado com a acusação de inspirar os crimes, Katurian não tem uma explicação moral ou lógica para as suas histórias. Elas não procuram resolver enigmas ou transmitir lições – limitam-se a ser. O ambiente opressivo criado por McDonagh sugere uma pergunta perturbadora: será o escritor responsável pelas consequências das suas criações? Ou será que o verdadeiro compromisso do contador de histórias é apenas com a própria narrativa? Será escrever, nesta perspetiva, um ato de liberdade absoluta, dissociado de uma mensagem ética ou de um propósito moral? Mesmo sob ameaça de tortura e morte, Katurian insiste na preservação das suas histórias, revelando uma crença quase religiosa na autonomia da literatura. A escrita torna-se, assim, um ato de resistência contra o ruído do mundo, contra o horror e contra a censura, que procuram silenciar a imaginação.

Mas nesse ato de liberdade pode a beleza coexistir com a escuridão? Será uma história boa, independentemente do sofrimento que nela habita? Katurian lembra a sua



infância marcada pelos abusos psicológicos dos pais, que exploraram o sofrimento do irmão Michal como combustível para o moldar enquanto escritor. A partir dessa experiência de dor, ele não se fixa na moralidade das histórias, mas na sua existência em si. Num complexo tabuleiro de xadrez onde ética e estética se cruzam, surge a questão: a criação literária deve ser julgada pelos seus efeitos ou pela sua autonomia? Katurian escolhe a autonomia – para ele, a história precisa de ser contada, mesmo que nasça da dor.

A censura em “The Pillowman”, corporizada pelo estado opressivo e pelo interrogatório claustrofóbico, representa uma perversão que transforma metáforas em realidades literais. A polícia, ao acusar Katurian de ser responsável pelos crimes, ignora a natureza alegórica das suas histórias, reduzindo-as a uma interpretação literal. Este processo é, em si mesmo, um mecanismo perverso: a censura procura aprisionar a arte numa lógica concreta, onde cada metáfora é tratada como uma ameaça.

Em 2004, Paula Rego criou uma série de três imagens intituladas “The Pillowman”, inspiradas pela peça e onde se reconhecem figuras como o Homem Almofada e o Pequeno Jesus, mas que incluem também alusões à infância da própria pintora e à sua relação com o pai. Tal como McDonagh, Rego mistura o grotesco e o fantástico, explorando o trauma e a inocência em cenários desconcertantes. Se fosse interrogada como Katurian, talvez Rego respondesse que as suas figuras não têm um único significado, mas múltiplos, escapando a qualquer interpretação definitiva. Talvez porque a pintura, tal como a literatura, deve resistir à prisão de uma mensagem única e moralmente redutora.

TRADUÇÃO
DIREÇÃO
INTERPRETAÇÃO

Tiago Guedes
Filipe Abreu e Miguel Maia
André Gago, Filipe Abreu, Miguel
Maia, Nuno Nunes, Victor
Gonçalves

Direção Artística:
Filipe Abreu e Miguel Maia

Produção:
Beatriz Sousa e Lucila Clemente

Pré-produção:
Inês Achando

Comunicação:
Sónia Godinho

Assessoria de Imprensa:
Mafalda Simões

Fotografia:
Sónia Godinho

Design Gráfico:
Edoardo U. Trave

Vídeo:
Mário Jerónimo Negrão

Registo audiovisual:
James Newitt

Classificação etária do festim M/14

Para mais informações contactar:
companhia@cepatorta.org
(+351) 924 744 048

Programação completa em:
www.cepatorta.org/eng24

Créditos da imagem
© Edoardo U. Trave
edoardotrave.eut@gmail.com

 [estanoitegrita.se](https://www.facebook.com/estanoitegrita.se)
 [estanoitegrita.se](https://www.instagram.com/estanoitegrita.se)

Financiado por:



Apoios:



Parceiros:



Parceiro media:



esta noite GRITA-SE



THE PILLOWMAN

Martin McDonagh